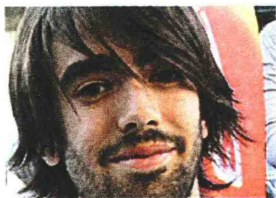




# Sócrates acelera na recta final e deixa Ferreira Leite a oito pontos de distância

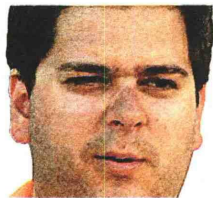
Sondagem efectuada após demissão do assessor de Cavaco. As campanhas na hora do balanço. As opções de voto explicadas por cinco eleitores. A opinião de António Barreto *Págs. 2 a 11 e P2*

PS  
38%



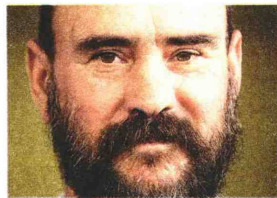
"Voto no PS porque gosto do trabalho que este Governo fez"  
João Pedro Fidalgo  
21 anos, estudante

PSD  
29,9%



"Voto PSD porque sou contra a legalização dos casamentos homossexuais"  
Tiago Sá Carneiro  
25 anos, engenheiro

BE  
9,4%



"Voto no BE porque é uma esquerda sem radicalismos e sem dogmas"  
Ricardo Friães  
57 anos, mecânico

CDU  
8,4%



"Voto na CDU porque a sociedade tem que ser intervencionada"  
Ana Paula Alves  
50 anos, professora

CDS  
7,7%



"Voto no CDS porque é preciso aligeirar a carga fiscal"  
João Condeixa  
31 anos, engenheiro





## Legislativas 2009 O combate partidário na hora do balanço

# O que vai ficar na memória da campanha a.C./d.C.

Há um antes e um depois de Cavaco ter demitido o seu assessor. O afastamento de Fernando Lima obrigou PS, PSD e BE a mudar de rumo

Na ressaca de dez debates televisivos entre os líderes dos cinco principais partidos, a campanha eleitoral começou ao ritmo do TGV que tinha marcado o frente-a-frente entre Manuela Ferreira Leite e José Sócrates. A meio da campanha, tudo mudou, após o Presidente da República ter demitido o seu assessor Fernando Lima na sequência do caso da alegada vigilância a Belém. A partir daí, o PS cresceu e o PSD abanou. Os enviados do PÚBLICO fazem o balanço destas duas semanas de campanha.

### E subitamente tudo mudou na campanha do PS

Foi uma campanha em dois andamentos. Um primeiro abaixo do Mondego, por terras alentejanas, ribatejanas e algarvias, marcado pela ideia de empate técnico entre PS e PSD com a polémica do TGV no centro. Mas depois José Sócrates foi a Paris, andou no TGV e voltou com uma campanha em alta velocidade. Aí começou o segundo andamento, precisamente no dia em que o *Diário de Notícias* dava à estampa a notícia sobre a fonte que estaria na origem das suspeitas da vigilância a Belém, que havia de mudar toda a campanha eleitoral. Nesse mesmo dia começava o discurso da unidade do partido, com o comício em Braga, círculo eleitoral encabeçado por um dos grandes opositores internos de Sócrates, António José Seguro. Mote que se reforçaria em Coimbra no dia seguinte, quando Manuel Alegre dá o braço ao secretário-geral, oferecendo-lhe "a esquerda possível".

Coincidências? Talvez, mas o certo é que foi a partir daí que a campanha ganhou o *elan* que lhe faltava e o partido começou a aparecer em força ao lado do líder. A começar por Soares, que no Porto lhe passa o testemunho com o slogan que o celebrou: "Sócrates é fixe".

Quando Cavaco Silva demite o seu assessor de imprensa, o PS rejubila nos Açores. O brinde teve um gostinho especial. Em Lisboa, Augusto Santos Silva tratava de decretar a morte do mote da campanha do

PSD, centrada até aí na asfixia democrática.

Depois, vieram os verdadeiros banhos de multidão, a roçar a histeria e o endeusamento de José Sócrates. As sondagens dissiparam as nuvens sobre o empate técnico e o PS começou a sonhar com a maioria absoluta. Com um milhão de indecisos, será uma miragem? **Leonete Botelho e Margarida Gomes**

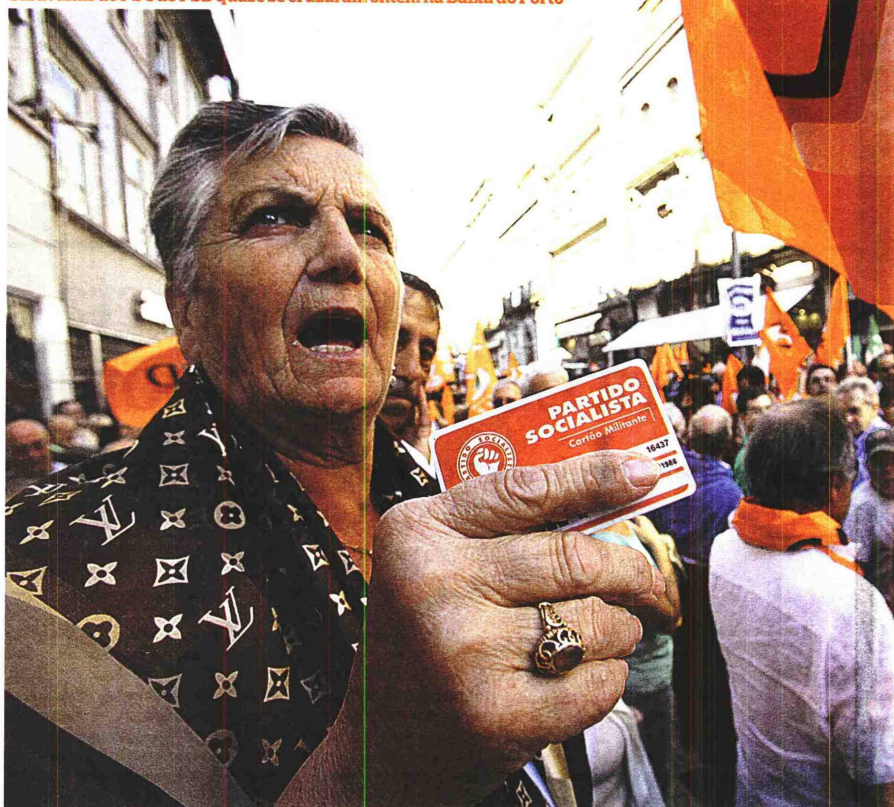
### Uma campanha antes e depois de Cavaco

Foi uma campanha aos ziguezagues. E que nunca a chegou a impor a agenda que o PSD queria trazer para a estrada. Manuela Ferreira Leite partiu com o conforto da vitória nas europeias e com as sondagens a colocá-la ombro a ombro com Sócrates. Tudo estava em aberto. Mas cedo passou à defensiva nesta campanha em que os episódios estranhos à agenda a contaminaram. A começar pela Madeira, nas vésperas do arranque da campanha oficial, onde a líder não viu a "asfixia democrática", o tema dos temas contra o "clima de medo" que bloqueia o país. Responsável? Sócrates e a sua maioria absoluta.

Seguiu-se o *dossier* TGV, que o PSD quer reavaliar em nome da crise, mas que abriu, indirectamente, um contencioso com Espanha. Apesar disso, este discurso colhia entre o eleitorado mais à direita. Embora tivesse obrigado o PSD a jogar à defesa.

Por estes dias, ainda se respirava alguma confiança. O humor de Ferreira Leite nos Gato Fedorento revelava uma líder mais humana. O caso Preto, com a alegada compra de votos nas eleições do PSD, voltou a abalar essa confiança. Nessa altura já a agenda oscilava entre a crise e a asfixia. O golpe mais duro chegou este semana por causa das suspeitas de vigilância a Belém. Cavaco Silva, que prometeu falar de segurança após as eleições, demitiu um assessor e, assim, abalrou a tese da "asfixia democrática". Houve, assim, duas campanhas: uma antes e outra depois de Cavaco Silva demitir Fernando Lima, seu assessor. **Filomena Fontes e Nuno Simas**

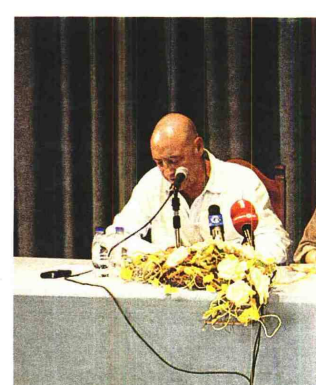
Caravanas do PS e do PSD quase se cruzaram ontem na Baixa do Porto



Jerónimo de Sousa foi ao bastião comunista do Seixal



Paulo Portas fez ontem campanha em Faro

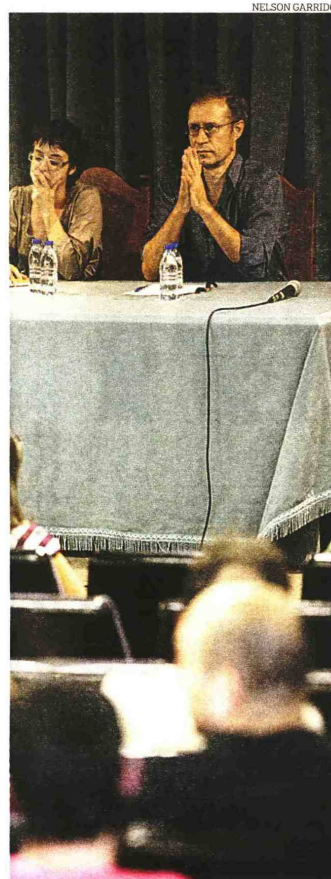


Francisco Louçã participou num debate na Universidade de Aveiro





ADRIANO MIRANDA



NELSON GARRIDO

## O entusiasmo e a confiança deram lugar ao nervosismo

Na campanha do Bloco de Esquerda (BE), assim como em todas as outras, há um antes e um depois da série de casos que irromperam e sobressaltaram estas últimas duas semanas.

A alegada denúncia da fonte da Presidência da República que lançou as suspeitas das escutas a Belém e a demissão de Fernando Lima obrigaram a novas estratégias. É verdade que o BE e lançou desde o início na batalha contra a maioria absoluta almejada pelo PS. Mas depois dos abalos esta luta foi intensificada.

Nos últimos dias a aposta foi confrontar os eleitores com uma dicotomia: no domingo terão de escolher "entre a esquerda e a maioria absoluta". Dentro do BE ninguém assumiu temer uma reedição da maioria absoluta, que, entretanto, regressou ao léxico socialista. Involuntariamente, porém, deixaram transparecer algum nervosismo. Até porque os resultados do BE nas últimas sondagens indicaram uma queda, em alguns casos bastante acentuada.

Se na primeira semana o PSD nunca esteve muito presente nos discursos dos candidatos, na segunda os sociais-democratas desapareceram. Francisco Louçã colocou de lado o tema Bloco Central e investiu na marcação cerrada ao "PS de Sócrates". Não se cansou de combater a maioria absoluta e procurou mesmo cindir o PS, distinguindo sempre o partido liderado por Sócrates e o partido de Soares, Alegre, Arnaut.

Os argumentos pretenderam não apenas consolidar o terceiro lugar nas eleições, mas também abrir caminho para, num futuro próximo, ensaiar uma nova aproximação à ala esquerda do PS. **Maria José Oliveira**

## Jerónimo pede mais seis deputados

A CDU pouco se desviou do planeado nestas duas semanas: prometera que a sua campanha se iria basear no contacto com as populações e assim foi, desde as seis mil pessoas do comício de abertura de Évora às cinco mil do Palácio de Cristal (números do partido), passando pelas "arruadas", sempre com pelo menos 100 a 150 pessoas. Jerónimo chegou mesmo a confessar que ficou surpreso pela recepção em diversos locais. O apoio que diz ter encontrado dão a Jerónimo a sustentação para negar sempre as sondagens que lhe dão resultados pouco positivos.

O líder da coligação pediu sempre novos ou mais deputados em alguns distritos, querendo colocar pelo menos mais seis representantes no Parlamento - não para executar esta ou aquela política, mas para representarem quem neles vota - "o nosso voto não trai", garantiu constantemente.

Disse que não visitava apenas os distritos onde já tinha influência, mas a verdade é que dos quase seis mil quilómetros que perfaz hoje, só

em Aveiro e Leiria é que pediu a estadia nos eleitos. As passagens pelo Alentejo e concelhos da margem sul (Setúbal) foram as mais animadas e estimulantes para Jerónimo de Sousa - e também as que mereceram mais visitas.

Insistindo no discurso crítico contra as "políticas de direita" do Governo socialista, Jerónimo de Sousa culpou Sócrates pelo aumento do desemprego e da precariedade, as mudanças da legislação laboral, o baixo nível de vida dos trabalhadores e reformados, o aumento da pobreza e das desigualdades - devido aos privilégios dados à banca, aos mais ricos e aos grandes grupos económicos -, a dependência do estrangeiro, o crescimento do défice e a contínua destruição do aparelho produtivo e produção nacional.

Críticou diversas vezes o facto de questões laterais como a das escutas estarem a tomar conta da campanha, mas falhou por não ter apresentado propostas concretas em várias áreas. Finalmente, apesar de "há quatro anos não treinar", notou-se que Jerónimo foi ganhando confiança e à-vontade para andar nas ruas - mas bem que poderia ter apresentado propostas concretas às pessoas que o interpelavam, em vez de se limitar a escutar e desejar "saudinha!".

**Maria Lopes**

## "Paulinho" à conquista do voto popular

Foi a campanha do tudo por tudo de Paulo Portas, que investiu todo o seu esforço no contacto nas ruas, feiras e mercados, na caça ao voto pessoa a pessoa. "Paulinho", como era às vezes carinhosamente tratado, fez mais de 49 mil quilómetros, visitou todos os distritos e as duas regiões autónomas, guiado pelo objectivo de fazer crescer o partido e projectá-lo como a terceira força política.

Nas ruas, o discurso contra a preguiça foi o que mais inflamou os ânimos. Contra ou a favor, uma coisa é certa: a mensagem passou. Ao eleger a agricultura como bandeira, Portas piscou o olho a um eleitorado mais popular. Além da "lavoura", os impostos, as pequenas e médias empresas, segurança e os abusos contra o RSI foram os temas escolhidos para a batalha de propostas. Já no campo político, a governação socialista começou por ser o alvo dos ataques, mas à medida que os dias foram passando o discurso endureceu contra o bloco central, insistindo nas semelhanças entre PS e PSD. Já nesta última semana, o CDS intensificou os ataques à extrema-esquerda. Os centristas quiseram colar o programa do Bloco de Esquerda a propostas irrealistas ou aos fantasmas do PREC.

Com uma minicomitiva, o líder do CDS fez uma campanha como prometeu: poupada e sem brindes. Mais ambiciosa foi a meta eleitoral dos dois dígitos que sempre pairou no espírito de Paulo Portas, mas à qual nunca deu voz. Para lá chegar, o líder do CDS quis conquistar o voto dos desiludidos ou dos que querem protestar. **Sofia Rodrigues**

## Campanha à lupa

### PS

**O melhor:** A organização da campanha e da caravana. Infalível.

**O pior:** O culto da personalidade de José Sócrates levado ao extremo pelo partido.

**Outro protagonista:** Manuel Alegre apareceu só uma vez, mas emprestou alma à máquina socialista.

### PSD

**O melhor:** A tenacidade de Manuela Ferreira Leite e a sua capacidade de resistir aos abalos que foram atravessando a campanha.

**O pior:** A desorganização da campanha. A que se juntou a desorientação estratégica que falhou a impor os temas da agenda "laranja".

**Outro protagonista:** O ex-líder Cavaco Silva, hoje em Belém, deu o maior abanão na estratégia do PSD. Com um gesto, ajudou a fazer ruir a tese da "asfixia democrática".

### Bloco de Esquerda

**O melhor:** Cumpriram integralmente a agenda delineada, introduziram temas não abordados por outros partidos.

**O pior:** Não convivem bem com o escrutínio da comunicação social. Basta atentar na reacção, atropalhada, à notícia do *Expresso* sobre os PPR de Louçã e de outros dirigentes.

**Outro protagonista:** Louçã continua a "apagar" todos os candidatos. Mas nos comícios de Setúbal foi Fernando Rosas quem mais galvanizou o público.

### CDU

**O melhor:** As acções de campanha da CDU tiveram a participação de mais apoiantes do que há alguns anos, com presença reforçada de juventude.

**O pior:** Repetição à exaustão das críticas ao PS e a ausência de propostas para a justiça, ciência, cultura, defesa e obras públicas.

**Outro protagonista:** Josezito, chora, que te vais embora pra não mais voltar", cantou Manuel Pires da Rocha, o candidato por Coimbra e músico da Brigada Victor Jara.

### CDS

**O melhor:** Portas dividiu opiniões, mas fez passar a mensagem sobre os abusos do "rendimento mínimo".

**O pior:** Para evitar episódios desagradáveis, o CDS escondeu dos jornalistas algumas feiras.

**Outro protagonista:** Paulo Portas é o princípio e o fim da campanha. Não há outro protagonista.





## Legislativas 2009 Sondagem da Intercampus confirma subida socialista



# PS dispara na recta final e deixa PSD a oito pontos de distância

### Sondagem pré-eleitoral com simulação de voto em urna

#### Intenção de Voto Assembleia da República

**38%**

**PS**  
32,9%

Branco/nulos  
**6,6%**



**29,9%**

**PSD/PPD**  
29,7%



**9,4%**  
**BE**  
12,0%

**8,4%**  
**PCP/PEV**  
9,2%

**7,7%**  
**CDS-PP**  
7,0%



São José Almeida

As sondagens mudaram. O PS disparou e pode pensar ainda na maioria absoluta. Mas os indecisos aumentaram 4,3 por cento e estão nos 13,2 por cento

● O PS disparou na sondagem feita pela Intercampus para o PÚBLICO, a TVI e o Rádio Clube Português. Os socialistas obtêm 38 por cento das intenções de voto, entrando assim numa aproximação clara da barreira dos 40 por cento, pelo que é possível ainda a Sócrates repetir a maioria absoluta.

A subida do PS coloca-o a oito pontos percentuais do PSD, que surge com 29,9 por cento. Mas enquanto o PS, na sondagem publicada no sábado, dia 25, tinha um resultado bem mais baixo do que agora, ou seja, 32,9 por cento, o PSD obtinha apenas menos duas décimas das intenções de voto, 29,7 por cento.

A conquista de mais 5,1 por cento das intenções de voto pelo PS nesta sondagem, cujo trabalho de campo decorreu entre 21 e 23 de Setembro e que contemplou 1006 inquiridos, através do método de sondagem da simulação do voto em urna fechada, foi principalmente conseguida à custa do BE, mas também do PCP.

Já o CDS sobe. Havendo ainda significativas alterações ao nível das intenções de votar noutro partido, em branco ou nulo, bem como no que se refere aos inquiridos que se recusam a responder ou dizem não saber ou não querer responder. Assim, o BE surge com 9,4 por cento das intenções de voto, aquando da sondagem anterior da Intercampus, publicada a 25 de Setembro obtinha 12 por cento. O BE desce assim numa semana 2,6 por cento das intenções de voto.

O PCP desce também. Agora, obtém 8,4 por cento das intenções de voto, quando há uma semana tinha 9,2 por

cento. Os comunistas perdem assim 0,8 por cento das intenções de voto.

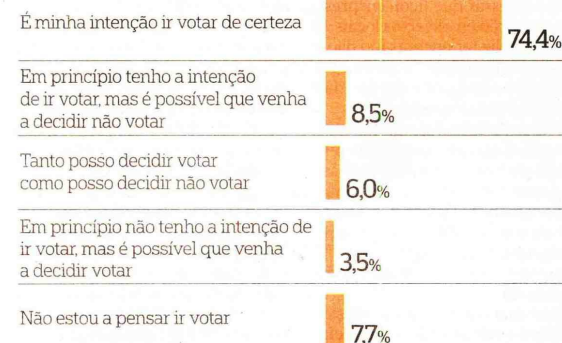
Baixa também substancialmente o número de inquiridos que declaram votar noutros partidos, que votarão em branco ou anularão o seu boletim de voto. A projecção dos resultados desta sondagem apontam para 6,6 por cento de respostas que se agrupam nesta situação, enquanto há uma semana havia 9,2 por cento de intenções de voto num partido não-parlamentar, em branco ou nulo. A percentagem de pessoas que não respondem ou que dizem não saber onde irão votar aumentou de forma significativa. Agora são 13,2 dos inquiridos, enquanto na sondagem de 25 de Setembro estas respostas foram dadas apenas por 8,9 por cento dos inquiridos. Ou seja, há um aumento de 4,3 do que vulgarmente se chama indecisos.

Por sua vez, se aumentou o número de inquiridos que não respondem ou dizem que não sabem em quem vão votar, aumentou também o número dos que assumem que vão, de certeza, votar. Nesta categoria, há uma semana, estavam 71,8 por cento; agora estão 74,4 por cento. Inversamente, baixou significativamente a percentagem de inquiridos que responde "não estou a pensar ir votar". Este grupo de respostas está nos 7,7 por cento, quando a 25 de Setembro era de 10,6 por cento.

A percentagem de respostas que diz "em princípio não tenho intenção de ir votar, mas é possível que venha a decidir votar" sobe ligeiramente, de 3,3 para 3,5 por cento. Tendência para descer tem também a resposta que afirma "tanto posso decidir votar como posso decidir não votar", que se queda agora em 6 por cento, quando era de 6,4 por cento.

A subir está também a percentagem de inquiridos que afirmava que "em princípio tenho intenção de ir votar, mas é possível que venha a decidir não votar". No dia 25 de Setembro apenas 7,8 por cento das pessoas se identificava com esta posição e agora esta percentagem sobe para 8,5 por cento.

#### Qual destas frases corresponde à sua situação:



Fonte: INTERCAMPUS

#### Ficha Técnica

Sondagem INTERCAMPUS para a TVI, Rádio Clube Português e Público, realizada entre os dias 21 e 23 de Setembro de 2009, com o objectivo de conhecer a tendência de voto da população portuguesa recenseada, sobre as Eleições Legislativas 2009. Universo constituído pela população recenseada, residente em Portugal Continental. Com recolha através de entrevista directa e pessoal, simulação de voto em urna, a amostra é constituída por 1006 entrevistas efectivas: 52,5% dos entrevistados do sexo Feminino, 47,5% do sexo Masculino, 30,9% dos entrevistados com idades entre os 18 e os 34 anos, 35,8% entre os 35 e os 54 anos e 33,3% dos indivíduos com mais de 55 anos. Por regiões 18,7% dos entrevistados residem no Norte Litoral, 12,7% no Grande Porto, 15,6% no Interior, 15,6% no Centro Litoral, 28,6% na Grande Lisboa e 6,5% no Sul. O erro de amostragem, para um intervalo de confiança de 95%, é de mais ou menos 3,1%. Nos resultados de temas sobre política, e quando aplicável, é feita uma distribuição proporcional de registo de não respondentes, sem opinião e abstenção, passando a usar-se a expressão "Projecção".



Aumentou o número dos que admitem não votar